

II | A gênese da ciência econômica

A ciência da economia política está assentada na evidência empírica conclusiva de uma diferença fundamental, que coloca a espécie humana absolutamente à parte e acima de todas as espécies animais, como especifica Moisés em Gênesis 1:26.

Essa diferença crucial é a capacidade que tem a Humanidade de aumentar a densidade populacional potencial da espécie humana como um todo, por meio da geração voluntária, transmissão e assimilação eficiente do progresso científico e tecnológico. A Humanidade é capaz de aumentar, intencionalmente, o tamanho máximo da população humana que pode se auto-sustentar com o seu próprio trabalho, em valores relativos por quilômetro quadrado médio de área de terra, concomitantemente com a elevação do padrão de vida físico médio.

Nenhuma espécie animal consegue realizar tal façanha. A faixa de adaptação bem sucedida de uma espécie animal é limitada, como se fosse uma determinação genética; a população humana não sofre nenhuma limitação deste tipo, coletiva ou individualmente.

Esse aumento da produtividade física do homem é apropriadamente medido em termos per capita ou por quilômetro quadrado: a taxa de produção física útil por pessoa e por quilômetro quadrado.

Somos obrigados a medir esta produção não meramente como simples quantidades de objetos. Como estamos referindo-nos à taxa de produção em termos da auto-reprodução da espécie humana, precisamos medir tanto as entradas quanto as saídas em termos reprodutivos-ordinários. Precisamos levar em conta como variáveis funcionalmente causais um sistema de mensuração baseado no domicílio familiar como a unidade social da reprodução quantitativa e qualitativa, não apenas de sociedades inteiras, mas de toda a Humanidade.

Assim, somos obrigados a medir as características dos membros individuais do domicílio familiar em termos de diferenciações tais como *gerações, faixas etárias, saúde, desenvolvimento mental, expectativa de vida e fecundidade*. Não devemos medir objetos individuais, mas a cesta básica média de consumo, por pessoa e por domicílio, em termos das correspondentes relações de causa e efeito.

Somos obrigados a medir a relação produtiva em termos das mudanças produtivas do homem na natureza, isto é, o incremento induzido pelo homem na fecundidade atual e futura da terra para a reprodução humana. É assim que lemos a mensagem de Moisés em Gênesis 1:28-30.

A fim de que um tal processo possa ser continuado de acordo com a instrução de Gênesis 1:28, a Humanidade precisa efetivar voluntariamente as descobertas científicas sucessivamente mais verdadeiras, por meio das quais se realiza o aumento do bem-estar e das forças produtivas do trabalho. Este progresso voluntário só pode ocorrer desde que exista *um princípio conhecido de ordem* que governe, na prática, o progresso de níveis de conhecimento inferiores.

Como as melhores idéias assim descobertas devem corresponder a um domínio superior da natureza como um todo, as leis desvendáveis que governam o progresso nas descobertas científicas fundamentais devem ser as leis que governam o Universo como um todo. Se isto não fosse possível, a população da espécie humana nunca teria ultrapassado 10 milhões de pessoas vivendo em nosso planeta em qualquer época, número que representa uma boa estimativa da densidade

populacional potencial para uma “sociedade primitiva de caça e coleta”.

O homem poderia empregar com sucesso uma ferramenta cuja conformação ele não entendesse corretamente; porém, o princípio que exige aperfeiçoamentos fundamentais e sucessivos com êxito no projeto da ferramenta precisa estar pelo menos aproximadamente de acordo com o princípio que exige o ordenamento necessário do nosso Universo.

De fato, a palavra *ciência* é apropriadamente reservada para designar a descoberta dos princípios subjacentes que podem ser demonstrados empiricamente a comandar um ordenamento bem-sucedido de sucessivas revoluções científicas.

Nesta visão da *ciência* como atividade, o conhecimento consciente e a atividade mental humanas se aproximam dos princípios de organização de toda Criação. A este respeito e neste grau, a mente do cientista individual espelha a vontade criadora de Deus Criador. Portanto, como lemos em Gênesis 1:27, o homem é criado à própria imagem de Deus.

O que acabamos de esboçar é completamente demonstrável à razão humana por meio de evidências empíricas cruciais e incontestáveis. Pode-se demonstrar mais, de maneira semelhante. O que foi esboçado até agora diz respeito principalmente à interação da Humanidade com o Universo e isto apenas de uma forma genérica, apesar de conclusiva. Examinemos no que segue, um pouco mais profundamente, a semelhança viva do homem com a imagem de Deus Criador.